

I - CURSO DE FÉRIAS DA LUCF

A unidade dos cristãos e a sua dimensão missionária

Maria de Lourdes Pintassilgo



As palavras que vou dizer tive que as preparar para uma conferência que fiz ontem na Semana de estudos missionários em Tomar e realmente pediram-me que repetisse aqui.

O problema é este: A unidade ^{dos} cristã e a sua dimensão missionária. Este tema foi tratado no conteúdo duma semana missionária. Portanto o que vou dizer deve ser encarado a essa luz. No entanto eu possivelmente alargarei um pouco à luz dos pontos que me parecer oportuno aqui. E começo por uma coisa muito simples que possivelmente está presente a todos nós se estamos a ler os jornais e ouvirmos a rádio e televisão. Ainda ontem se falava do "muro da vergonha" em Berlim e da tentativa dum casal que fugia de Berlim oriental para Berlim ocidental. Quem entra hoje em Berlim, sente que na verdade penetra num mundo duma tensão irrespirável. A tragédia duma cidade que foi feita para ser uma e que hoje se apresenta dividida em duas, quizeram os russos justamente há um ano marcar o facto aparentemente insignificante de um muro de separação. E assim que percorremos a cidade de Berlim e ao longo de muitos quilómetros separando o sector oriental do sector ocidental ergue-se essa estranha muralha, que noutra contexto não nos diria absolutamente nada; de tantos em tantos metros vemos uma sentinela do sector russo vigiando cuidadosamente qualquer tentativa de passagem, e à volta do muro de Berlim há apenas o silêncio e, sem dúvida o medo. O muro de Berlim não mudou substancialmente a divisão que já existia, mas tornou-a visível, concreta e por isso intolerável. Vê-lo torna a divisão mais absurda, e, paradoxalmente torna o anseio pela unidade mais premente. A reacção dos berlinenses, aliás partilhada por todos os alemães feita da consciência aguda duma tragédia irreparável, comove primeiro o estrangeiro, mas depois admirou-nos um pouco. Perguntamo-nos: Mas porque é tanta agitação à volta dum simples muro? Não haverá outros problemas no mundo igualmente trágicos, igualmente importantes? As palavras recentes dum bispo protestante alemão, o célebre bispo de Tibélin de Berlim, esclareceram, para mim, pelo menos, o significado de tal atitude. Dizia esse bispo numa hora de oração da tarde que todos os berlinenses têm uma igreja protestante todos os dias em que se reúnem protestantes e católicos, diz esse bispo que o muro de Berlim não é só divisão entre o sector oriental e ocidental duma cidade, o muro de Berlim é no nosso tempo, como que a cristalização palpável

nos nossos olhos das divisões latentes, ou estabelecidas já, entre os homens e dentro de cada homem, o muro de Berlim é assim o símbolo das divisões que rasgam o mundo, e separa visivelmente os povos, as classes sociais, as gerações, os grupos de pessoas pertencentes a esta ou àquela associação confinando-as nos limites a que certos conflitos os vincularam. Por outro lado, o muro de Berlim está dentro de cada um de nós. De facto, cada um de nós sabe-se e sente-se cidade dividida em constante contradição, naquela tensão gerada pela dialéctica em que se exprime o nosso devir pessoal. Mas porque ~~tem~~ visível essa divisão, concretizada no muro de Berlim, escandaliza, incomoda, e porquê? É porque no fundo o homem é feito para a unidade e procura a unidade. E parece-me que ainda os mais loucos desvarios do nosso tempo podem ser explicados por essa procura: o desejo de encontrar uma ideia, um valor, um facto, uma situação que unifique, que integre, que dê sentido à vida toda. Parece-me que se pudessemos estudar alguns dos aspectos da vida colectiva dos homens no contexto do seu desenvolvimento, veríamos como a procura da unidade é um dado constante, que se vai progressivamente tornando mais claro. E realmente o nosso tempo é suficientemente claro e elucidativo a este respeito. Podemos enunciar muito rapidamente alguns dos índices evidentes dessa unidade: unidade económica, que se constroi para além dos interesses imediatos de cada grupo e estamos habituados a ouvir falar no mercado comum, na zona livre de trocas, etc. - a vida de política, ditada sem dúvida por razões de defesa, mas nem por isso menos real enquanto procura de unidade. Por ex. a recente visita do Presidente de Gaulle à Alemanha é qualquer coisa fora de todos os cânones, fora de tudo o que alguém poderia imaginar, que duas nações que se feriram mutuamente numa forma que parecia irreparável, estão de facto neste momento construindo uma unidade política. O que isso representou para muitas famílias alemãs que perderam os seus entes mais queridos durante a 2ª. guerra mundial e que fizeram cristãmente o esforço de receber de braços abertos o chefe de estado da Nação inimiga. É de facto uma unidade política que resulta dum complexo de defesa em parte mas que têm para além desse complexo de defesa - é claro que é de nosso dever fazer justiça por ex. a Chanceler Adenauer, tem realmente uma razão mais funda: é uma expressão ~~mais funda~~ dessa unidade que os homens desejam, unidade que resulta da interpenetração cultural, que está no termo da aprendizagem dos mesmos conhecimentos e das mesmas técnicas em todos os países. Todos os países estudam praticamente as mesmas coisas. O paralelismo sociológico de certos fenómenos, embora eles aconteçam nas condições mais diferentes e nos países mais afastados. É para além dessa unidade que se procura em provas bem definidas a unidade afectiva, que circunstâncias, experiências, aspirações comuns,



Fundação Cuidar o Futuro

criam entre os homens. Esta tendência não é apenas uma tendência implícita, mas resulta duma convicção tornada consciente, da unidade básica existente entre os homens. É claro que nós aqui em Portugal temos grandes razões de queixa contra o grande órgão internacional que são as Nações Unidas, no entanto não podemos subestimar parte do seu trabalho sobretudo no que se refere às agências especializadas. Um dos grandes slogans da vida internacional no plano neutro, não só no plano católico, visto que o plano católico vai buscar a raiz dessa unidade muito mais fundo, mas um dos grandes slogans exprime justamente e vou dizê-la em inglês, direi depois a tradução: There is only one man and his name is allimen. Há só um homem e o seu nome é: todos os homens. Quer dizer, ainda fora do cristianismo, reconhece-se que há como que numa lei inscrita no coração dos homens, que os leva a procurarem-se, a conhecerem-se, a amarem-se. Assim ciência, técnica, economia e política não teriam outro sentido senão o de tornar esse encontro e essa comunhão possíveis. Mas ao mesmo tempo, cada nova condição do mundo contém em si o germen de maior divisão, cada situação nova que os homens têm de enfrentar põe novos problemas, abre os caminhos para soluções diferentes, tem portanto em si o germen duma maior divisão. Mas por isso mesmo é também apelo a uma unidade consciente e conscientemente procurada, quer dizer processa-se assim no mundo segundo uma lei de constante tensão. Em cada novo passo, em cada nova situação há sempre o aspecto do muro de Berlim. Mas no próprio muro está sempre a força dinâmica mais existencial para a unidade. Ora isto parece um floriado que está muito longe da unidade dos cristãos mas justamente interessa-me situar a unidade dos cristãos neste contacto geral do mundo, simultaneamente dividido e ansioso pela unidade. Porque do ponto de vista sociológico e cultural pode dizer-se que o movimento para a unidade dos cristãos que caracteriza as Igrejas Cristãs do nosso tempo, exprime de certo modo a fisionomia do mundo contemporâneo. Mas seria ignorar completamente o sentido da presença da Igreja no mundo pretender tomar o movimento pela unidade dos cristãos como que num simples epifenómeno da aspiração à unidade que em outros sectores se manifesta e que às condições do mundo tornaram possível nos nossos dias. Mergulhada no mundo e em permanente diálogo com ele, a Igreja, de facto não atravessa indiferente as situações que o mundo cria. O diálogo com o mundo supõe sempre troca e abertura. Ao mesmo tempo a Igreja não pertence ao mundo. Ela é parte do Reino invisível que transcende o tempo e a história, é o templo onde o Senhor gosta de morar é a Esposa do cordeiro, é o povo escolhido, é o corpo de Cristo. Quer dizer, a vida da Igreja no mundo a sua própria evolução interna, não podem ser ditadas pelo mundo. É o mistério de Cristo presente no tempo através do Espírito Santo que sustenta e unifica a Igreja. O movimento da unidade dos cristãos está assim lon-



Fundação Cuidar o Futuro

ge de ser um fenómeno isolado para ser tomado com excessivo entusiasmo por uns e não sei se leram o jornal da P. Romana, o movimento a que todos os intelectuais católicos pertencem, o jornal referia a euforia ecuménica do nosso tempo, mas não é um facto também para ser tomado com completa indiferença por outros. Parece-me que o movimento para a unidade dos cristãos é parte do mistério da Igreja no mundo, ou noutros termos, é expressão do plano redentor de Deus sobre o mundo, em acção neste momento da história através das circunstâncias e dos homens concretos deste tempo. É aqui que anteriormente a qualquer outra consideração de ordem factual se situa a perspectiva de fundo daquilo que pretendo dizer hoje. Na verdade o plano redentor de Deus define a missão da Igreja, vincula-a neste tempo que vai da Ascensão à P....., a evangelização dos povos e das gentes. A unidade dos cristãos é a um tempo uma realidade plena contida no plano redentor e é um facto a trazer pelo desenrolar desse plano no tempo. Ora neste sentido, a unidade numa mesma perspectiva última ou escatológica, quer dizer, ambas tendem, ambas chamam e urgem a missão final de todos os homens no louvor de Cristo, do Cristo Goorioso. Porque a unidade dos cristãos e a missão da Igreja se interpretam e mutuamente se condicionam, aquilo que vou dizer vai ser sobretudo muito concreto, quer dizer vou evitar um estudo meramente doutrinário. Na verdade como a missão não estão definidas uma vez por todas. A reflexão sobre a unidade dos cristãos no nosso tempo tem que ser a cada momento enriquecida pelo confronto das confissões cristãs entre si. Por outro lado a missão da Igreja tem que ser constantemente repousada segundo o confronto entre o evangelho e as novas condições que o mundo põe em cada época. E por seu turno unidade dos cristãos e missão mutuamente se determinam em certa medida. A primeira relação que eu vou estabelecer (isto parece um bocadinho confuso, mas o que vou dizer a seguir vai ilustrar isto, portanto espero que no fim se torne claro) a primeira relação que eu vou estabelecer é por assim dizer uma relação de ordem negativa, porque vai mostrar a relação que existe entre a missão da Igreja e os problemas que são próprios à missão e o facto concreto na história da Igreja das divisões ou dos cismos. Ora eu referi de início, a propósito da história do muro de Berlim, que cada nova situação no mundo implica para os homens uma possibilidade de divisão, portanto um germen de divisão. Ora uma afirmação correspondente pode ser feita quanto à Igreja, afirmação que a história da Igreja confirma. Cada nova situação no mundo, que a Igreja tem de enfrentar contém, de facto em si uma possibilidade de divisão de cisão dentro da Igreja. Verifica-se assim que as grandes divisões da história da Igreja, os grandes cismos surgiram sempre ao nível dos problemas postos pela missão da Igreja, quer dizer no confronto da Igreja com os dados culturais e so-



Fundação Cuidar o Futuro

ciológicos da realidade que a Igreja pretende evangelizar. Faço aqui um parêntesis para dizer que entendo a missão aqui, quando falo da missão da Igreja, entendo como um dado permanente da Igreja, como aquilo que define a Igreja sempre em qualquer circunstância, em qualquer momento, e não no sentido duma actividade exterior, actividade lá longe com os pretinhos. Mas não é a isso que me estou a referir; é no sentido de missão mais ampla a missão que é própria da Igreja. A Igreja está constantemente em estado de missão e a verdadeira missão na África ou na Ásia só pode ser entendida e só pode ser vivida duma forma completa se for compreendida neste sentido mais amplo. A Igreja está assim continuamente em estado de missão até ao fim dos tempos e tal estado de missão não se limita apenas a uma dimensão geográfica, mas visa todos os estratos, todos os mundos que se criam no campo cultural, sociológico etc.. Quer dizer, as civilizações a evangelização não são apenas a civilização africana ou a civilização indiana ou a civilização chinesa, são por ex. a civilização técnica, a chamada civilização de trabalho, quer dizer, civilizações umas de facto confinadas a um espaço geográfico, mas outras transcendendo a geografia e agrupando homens que vivem em situações completamente diferentes e nos países mais afastados. Ora vou apenas apontar muito rapidamente e sem nenhuma profundidade, e até tenho vergonha de falar disto diante dum grande historiador que é o Sr. P. Maurício, mas vou só apontar assim muito a correr alguns desses aspectos de divisão na história da Igreja. E começo por apontar um que graças a Deus não chegou a ser divisão, foi só uma possibilidade de divisão e que aconteceu com o próprio S. Paulo. De facto S. Paulo é protagonista do 1.º grande conflito da história da Igreja, 1.º grande conflito que não terminou em cisma providencialmente, para que nós pudéssemos ter uma linha que nos guiasse logo na 1.ª Igreja. Lembrem-se no Cap. XV dos Actos dos Apóstolos, o cap.º que agora toda a gente chama a capítulo por causa do Concílio, visto que contém o chamado 1.º Concílio, embora esse concílio não se conte na numeração dos Concílios, lembrem-se que nesse capítulo se conta S. Paulo na evangelização dos gentios se tinha encontrado perante certo número de problemas. Ele entendia, pelo conhecimento que tinha dos gentios, que algumas das exigências postas aos judeus não se aplicavam a outros povos, e portanto que a evangelização tinha de se tornar menos rígida em certas exigências; é claro nasceu uma controvérsia entre Paulo e os seus discípulos e o colégio apostólico chefiado por Pedro. E esse conflito levou S. Paulo a ir até Jerusalém e discutir abertamente com o colégio apostólico o problema. Contam-nos os Actos que foi numa longa discussão, tal longa discussão que teve o discurso de Pedro, depois o discurso de Tiago e que terminou com aquela, com o envio final das indicações para as novas Igrejas com aquela grande frase luminosa que ainda hoje anima to-



Fundação Cuidar o Futuro

dos os Concílios e que vai animar o próximo, em que diz: "Pareceu-nos bom ao Espírito Santo e a nós", aquele grande sentido da unidade no colégio apostólico e da presença viva do Espírito Santo no Colégio Apostólico. Se não houvesse outras razões, pelo menos por esta nós devíamos estar infinitamente gratas a S. Paulo porque nos indicou claramente o caminho a seguir sempre por um germen de divisão aparece na história da Igreja. De facto aí estava basicamente garantida a possibilidade de assimilação de novas culturas pelo cristianismo e estava cimentada a unidade pelo critério da comunhão com Pedro e o Colégio Apostólico. Realmente Paulo levou até ao fim a sua discussão, dizem os Actos que a discussão foi longa e vivíssima, mas submeteu-a à autoridade de Pedro - E assim estava resolvido na sua essência o problema do equilíbrio entre unidade da Igreja, comunhão do todo com Pedro e colégio Apostólico e problemas postos pela missão, problemas postos pelo confronto da Igreja com novas situações do mundo. Mas com a evolução da história da Igreja - S. Paulos não há muitos - e possivelmente S. Pedros também não, pelo menos com a mesma grandeza e a história da Igreja começa a ser abalada com algumas reais separações. E assim encontramos a primeira separação das igrejas orientais. Vou referir-me mais que rapidamente. Na verdade a separação do mundo semita cristianizado, o mundo que incluía o Egipto, a Arábia, a Mesopotâmia, a Palestina, nos séculos V e VI para se ter como motivo fundamental para além duma oposição ao Concílio que tinha sido mais ou menos consagrado pelos imperadores bizantinos, numa oposição muito viva à teologia dos gregos, que os semitas não podiam tolerar. Quer dizer, duas culturas completamente diferentes, dois esquemas de pensamentos com exigências diversas, obrigavam a Igreja a concentrar a sua atenção na que requeria maior cuidado nesse momento. E daí surgem definições estranhas ao pensamento semita, que acaba por conduzir à rutura. A separação do mundo grego e do mundo latino segue a mesma linha. A Igreja ~~xxxxxxx~~ desenvolve-se paralelamente segundo duas tradições, tradições diferentes, função do contexto social e cultural do contexto histórico em que a missão se realizou, quer dizer em que a Igreja aí tomou corpo. Em certo momento a Igreja ou por uma questão de oportunidade ou por falta de visão dos seus chefes, pela fraqueza humana presente na Igreja, a Igreja identifica-se sobretudo com uma dessas tradições. A comunhão não é então suficientemente forte e segue-se a rutura. Pode dizer-se assim que na separação das Igrejas orientais todas as questões que se levantam dizem respeito ao mistério da Igreja no seu dinamismo de expansão missionária, na sua incarnação progressiva em condições históricas e sociais bem concretas. Nessa expansão revelou-se e foi um grande ponto e grande riqueza da teologia das Igrejas orientais, revelava-se a necessidade de clarificar um ou outro aspecto do mistério de Cristo, mas a ausência de diálogo e de abertura conduzem a uma situação em que as Igrejas locais recusam o controle das exigências missionárias particulares



Fundação Cuidar o Futuro

que experimentavam pela vocação missionária total da Igreja e daí o romperem facilmente a comunhão. A rutura protestante dos tempos modernos é mais complexa nesta perspectiva da missão, porque nasce do confronto de dois mundos que coexistiam no mesmo espaço geográfico, visto que é na Europa, toda ela já evangelizada, que se vai dar a rutura. Mas é em certa medida a dialéctica racionalista que fora pouco a pouco como que cobrindo e degradando toda a grandeza religiosa e missionária da Idade Média, essa dialéctica racionalista e de certo modo a identificação do pensamento de alguns teólogos da Igreja com esse racionalismo ou esse embrião de racionalismo, não como o entendemos hoje, que contribue para a reacção de Lutero de encontrar na Bíblia independentemente da comunhão do todo, à fonte da vida cristã. As divisões da história da Igreja têm assim como ponto de partida o próprio mistério da Igreja no seu diálogo com o mundo no confronto com novas formas de pensamento e novas estruturas de civilização, mas no desenvolvimento do seu próprio conteúdo teológico em função das realidades culturais em que está envolvida esta interdependência de unidade e missão vai tão longe que afecta o próprio movimento para a unidade dos cristãos no tempo presente. Quer dizer, se por um lado unidade e missão estiveram intimamente ligadas na génese das divisões e de certo modo foi a Igreja em estado de missão e os problemas que lhe foram postos que estiveram na base duma divisão que se tornou um facto real da história, hoje reciprocamente dá-se como que a ilacção inversa, hoje também essa interdependência está presente no regresso ao movimento pela unidade. E é isso que vou procurar mostrar. E vou procurar mostrar com esta afirmação fundamental. É que a situação original da história da Igreja na nossa época está neste facto singular: nós temos duas perguntas fundamentais, como se vai desenvolver a unidade dos cristãos no nosso tempo? Como se vai processar o crescimento missionário dentro da unidade da Igreja? Ora a resposta a uma pergunta tem de implicar uma resposta à outra. E o que é mais, as duas respostas estão intimamente ligadas. Eu não sei se isto é muito evidente e devo confessar que ontem na Semana de Estudos Missionários fiquei um pouco admirada quando no fim um sacerdote presente me veio perguntar. Mas acha que realmente, a unidade dos cristãos se vai dar algum dia? É claro que se fica sem resposta... perante uma pergunta estas. É claro que a unidade dos cristãos tem que se dar, tem tão realmente como tem que se dar a evangelização do mundo inteiro. Porque realmente o mundo caminha e a história da Igreja caminha para uma unidade final. Uma perspectiva exatológica essa unidade tem de se dar e tem de se dar não só numa perspectiva doutrinária teórica como se está dando, como realmente a vida da Igreja e a orientação do Santo Padre e com ele esperamos de todos os Padres da Igreja que se vão reunir em Concílio, é justamente que essa unidade tem de se dar e todos nós temos de fazer um esforço de vida,



Fundação Cuidar o Futuro

de oração, de estudo e de atitude para essa unidade. Por isso a resposta da Igreja às exigências da sua própria missão no mundo de hoje não pode ser dada isoladamente, não podemos hoje dizer: nós os católicos estamos em face do mundo; como vemos evangelizar o mundo? Não podemos hoje só falar assim, porque a Igreja católica não está sòzinha a ancian dos novos mundos o Evangelho de Jesus Cristo. Importa por isso, e é fundamental para nós católicos deste tempo, duma Igreja em estado de Concílio, importa ver como se confrontam as várias confissões cristãs e como é que em conjunto as confissões cristãs enfrentam o mundo e os problemas verdadeiramente originais e universais que o mundo hoje põe. É neste confronto com as outras confissões perante a evangelização do mundo a Igreja católica não pode de forma especial subestimar as igrejas protestantes nem o fenómeno novo que o desenvolvimento dessas igrejas vem trazer à história do cristianismo. Refiro-me especialmente ao movimento ecuménico. É por isso a esse movimento que eu vou fazer uma referência especial. Claro não me refiro, não me vou referir neste problema da unidade dos cristãos às Igrejas Ortodoxas.

1º. porque o problema é extremamente complexo e de facto não tenho preparação para o tratar e em 2º. lugar parece-me que a contribuição das Igrejas Ortodoxas para o movimento ecuménico é uma contribuição cheia de prudência, cheia de reserva, como aliás se está verificando agora nas respostas ao convite do Santo Padre para os observadores do Concílio. Não sei se repararam que grandes chefes das Igrejas protestantes já responderam e das Igrejas Ortodoxas os grandes Patriarcas ainda não deram resposta. E por isso vou sobretudo analisar o facto ecuménico nas igrejas protestantes e vou realizá-lo na perspectiva que referi no início: mostrar como está ligado ao fenómeno de missão das igrejas, encarando o mundo e procurando evangelizar o mundo. Ora até no século XIX houve algumas iniciativas esporádicas da vida missionária das igrejas protestantes. Mas não é senão no princípio deste século, do séc. XIX, que se desenvolve uma acção missionária intensa. De facto a probabilidade das igrejas protestantes fez nascer a necessidade dum trabalho comum e é curioso notar que já em 1806 havia a proposta da realização duma conferência de todas as confissões cristãs destinada a permitir a união de esforços em ordem à evangelização do mundo. Ora esta preocupação da unidade por causa da missão ou do ecuménico por causa da missão torna-se o list-motif de todo o século XIX no mundo protestante, até dar fruto num século mais tarde em 1910 na conferência internacional das missões em Edimburgo, conferência do mundo protestante (eu agora por uns minutos estou a movimentar-me só no mundo protestante). É também no fim do século XIX em 1895, que apareceu o primeiro órgão institucional em que se encontram ao mesmo tempo o dinamismo missionário e o espírito ecuménico. Aqui na reunião de diplomadas acho que tem particular interesse referir qual foi essa associação, Refiro-me à Federação Universal das Associações



Fundação Cuidar o Futuro

Cristãs de estudantes. Realmente todo o movimento ecumênico nas Igrejas Protestantes, tal como ele aparece nos nossos dias e tal como ele está inclusivamente a influenciar a Igreja Católica, nasceu da Federação Universal das Associações Cristãs de estudantes, de tal modo que não há um único dirigente do movimento ecumênico actual no mundo protestante que não tenha sido dirigente desta Federação no tempo da sua juventude, o que é motivo de orgulho para esta Federação. No ano passado quando a Pax Romana comemorou os seus 40 anos de existência, a Federação das Associações Cristãs de estudantes esteve presente como irmã mais velha, porque tinha mais 20 anos, ou mais 40 anos, já não sei, do que a P. Romana e justamente o então secretário geral Filipe Mony insistiu na contribuição que a Federação deu ao movimento ecumênico das Igrejas Protestantes e nessa altura salientou também a contribuição que a P. Romana estava a dar neste momento também ao movimento pela unidade dentro da Igreja Católica. Nessa Federação fez-se progressivamente o alargamento do conceito da ideia de missão geográfica para a missão no sentido amplo de cristianização dos mundos de valores espirituais qualquer que seja a sua localização geográfica. E nessa Federação se treinaram, como já disse, os grandes dirigentes do movimento ecumênico dos nossos dias e através dela abriu-se uma perspectiva de universalidade de duas dimensões: a totalidade da mensagem de Cristo a transmitir a todos os homens. Quer dizer, a missão e o ecumenismo sendo os dois polos em que essa universalidade se estruturava. E hoje ainda esta Federação representa uma das grandes forças espirituais do mundo cristão, particularmente o mundo protestante e é curioso notar que o próprio Cardeal Bea (como sabem é neste momento o Cardeal do movimento pela unidade dos cristãos na Igreja Católica) numa conferência proferida este ano em Paris a convite do Centro Católico dos Intelectuais Franceses, não hesitava em citar o Secretário Geral desta Federação numa afirmação fundamental: a da unidade de todos os cristãos pelo Baptismo em nome da Ssm^{ta}. Trindade, qualquer que tenha sido a Igreja em que foram baptizados. Ora essa conferência de Edimburgo de 1910 foi a tomada de consciência do mundo protestante da situação de fracasso, vamos lá, aliás era já o termo do Cardeal Suhord, de situação de fracasso do cristianismo perante o mundo por causa da incapacidade prática em que se encontravam os cristãos divididos de constituírem uma força unida para trabalhar na evangelização do mundo. E assim dessa constatação nasceu o Conselho internacional das missões como numa tentativa de remediar a essa divisão, na procura da unidade na situação prática da Igreja em Missão. E este Conselho internacional das missões tornou-se duma importância decisiva no movimento ecumênico do mundo protestante. Aqui quero fazer uma pequena observação. É que as missões protestantes têm um carácter completa-



Fundação Cuidar o Futuro

mente diferente das missões católicas. A missão protestante era uma responsabilidade de grupos isolados, não das Igrejas enquanto tais. Visto que as Igrejas protestantes não têm uma autoridade central como tem a Igreja Católica, a certa altura um grupo de indivíduos resolvia fundar uma sociedade, por ex. uma das primeiras sociedades missionárias era a "London Mission Society", um grupo de cidadãos ingleses que resolveram fundar uma sociedade missionária e aí foram eles até à Índia fundar uma Igreja missionária ou judia independentemente das igrejas que permaneciam na Europa ou na América. Quer dizer, a missão era de responsabilidade dum grupo particular. Quer dizer a universalidade da Igreja que é evidente na Igreja Católica a partir da qual todo o esforço missionário católico se pode entender, no mundo protestante o ponto de partida para a missão, mas, e aqui podemos ver a acção do Espírito Santo e esta talvez o objectivo da minha exposição hoje, no fim o nosso ponto de partida é o ponto de chegada do esforço missionário dos protestantes. Foi a partir da realização concreta das missões que os protestantes começaram a entender o que é a universalidade da Igreja, começaram a reencontrar o caminho da Igreja Católica. É assim o desenvolvimento da missão e os problemas concretos que a missão encontra, que determinam a abertura a uma dimensão universal, dimensão essa que ultrapassa as chamadas novas igrejas, quer dizer as igrejas da Ásia, da África ou da América Latina e pouco a pouco penetra nas velhas igrejas. O movimento ecuménico vem assim das novas cristandades, com o grande contributo por eles dado ao pacto cristão no mundo. E ainda que outros frutos não houvesse este era suficiente para levar as igrejas protestantes a um repensar da missão. Se a missão foi inicialmente o trabalho e o interesse de grupos isolados, justamente porque começou a provocar essa unidade, levou a um repensar doutrinário, teológico da missão dentro do mundo protestante. E por isso há um repensar do próprio mistério da Igreja. Simultaneamente, logo depois de 1910, nasceram dois órgãos de carácter internacional no mundo protestante reunindo portanto, várias confissões cristãs, que são duma importância fundamental para o movimento ecuménico: Um chamado Vida e Acção, cujo objectivo era reunir os cristãos em tarefas comuns, que os obrigassem praticamente a ultrapassar as divisões sem compromisso da Fé que professavam, quer dizer indivíduos pertencentes a uma Igreja Metodista Anglicana, Presbiteriana, etc. viam-se na tarefa concreta, qualquer tarefa de carácter caritativo, social, não interessa, segundo um plano vem defendido, e comprometiam-se na acção evitando conscientemente qualquer germen de divisão justamente nos pontos em que as suas Fé's perspectivas divergiam. Outro órgão internacional que se fundou, foi o chamado Fé e Constituição que é destinado a estudar e a ~~completar~~ confrontar os obstáculos à unidade entre as várias confissões, quer dizer um plano mais teórico, e portanto mais reduzido a um grupo de



rado em 1957, em Dezembro de 1957. Justamente quando eu estava em no 1º. Africano de P. Romana, estava reunido o Conselho internacional das Missões. Aliás o Presidente Mecomat visitava-nos, ora a uns ora a outros e afirmava-se igualmente cristão num e noutra sítio, embora posteriormente, tenha desmentido, de facto, as suas afirmações dessa época. Mas nessa altura nós estávamos todos instalados na Universidade, nas residências da Universidade e tive ocasião de falar com alguns dos dirigentes do Conselho Internacional das Missões e vi neles um desejo enorme numa missão verdadeira. Diziam eles: é a única coisa que nós invejamos à Igreja católica (alguns deles, dos mais anti-romanos) a única coisa que invejamos é o vosso carácter verdadeiramente universal. Vocês têm-no e quase não fazem usodele e nós procuramoelo angustiosamente. E nessa altura havia uma proposta concreta vinda da Judia para a fusão desse Conselho Internacional das Missões, que só tinha a responsabilidade dos países de Missão, com o Conselho Ecuménico das Igrejas na Europa e dos Estados Unidos. Mas as Igrejas da Noruega e da Suécia puzeram o veto e portanto isso não foi resolvido. Durou quatro anos o problema a ser debatido, e foi recentemente, em Dezembro de 1961 na Assembleia do Conselho Ecuménico das Igrejas em Nova Deli que essa fusão se deu. Quer dizer, o mundo protestante conta hoje com um único órgão central. o Conselho Ecuménico das Igrejas que tem um órgão de acção em geral, tem um órgão de pensamento teológico e tem um órgão missionário. Este facto é um facto que não pode ser de modo nenhum subestimado na vida actual da Igreja católica, e mais adiante vou referir-me concretamente à importância desse facto.

Estive a movimentar-me no mundo protestante. Como se processa a unidade dos cristãos a partir da Igreja Católica? Como é que nós Igreja Católica encaramos e vivemos esse facto? Os primeiros passos do movimento ecuménico, foram encarados pela Igreja Católica, como todos sabemos, com muita reserva e muita desconfiança. O Conselho Ecuménico das Igrejas fielmente, cada vez que se reunia, enviava convite para Roma e Roma respondia sempre que a Igreja Católica tinha a plenitude da verdade e que etc., portanto não se justificava a presença numa reunião daquele tipo. Não era assim numa forma tão crua como eu estou a dizer, mas mais ou menos queria dizer isto. Ora o que quer isto dizer? Quer dizer que tal facto não interessava à Igreja Católica? Evidentemente que não. Pelo contrário. Nós verificamos hoje que nessa altura já existia no seio da Igreja um movimento pela unidade, que era profundissimo, que era justamente cimentado numa atitude espiritual das mais profundas que a Igreja Católica tem conhecido. Mas o facto fundamental, o facto de ordem doutrinária, retardava paradoxalmente o ritmo do desenvolvimento do movimento pela unidade dentro da Igreja Católica.

facto muito curioso. Na verdade para a Igreja Católica, as unidades



Fundação Cuidar o Futuro

fazem parte da defenição da Igreja. Una Santa Católica
 Apostólica. Portanto, nós todos sabemos que fazemos parte da Igreja una
 e está tudo azrumado. Estamos em paz, rezamos, porque a Igreja é una. É
 de facto. Essencialmente a Igreja é una. Claro que a divisão dos cristãos
 trouxe-lhe, como é costume dizerem os teólogos destes problemas, trouxe-
 -lhe uma divisão que quebrou alguma coisa da sua unidade, não essencial,
 mas da sua unidade accidental. Portanto, esta consciência que todos nós te-
 mos, esta segurança de que a Igreja é una, torna-se para nós a certeza dum
 bem já adquirido e compreende-se assim que para muitos católicos, certos
 dessa unidade que caracteriza a Igreja para além de todas as divisões, a
 unidade dos cristãos, tal como o Movimento Ecuménico perseverantemente a
 procurava, tivesse a importância secundária de algo que era mais ou menos
 acessório. A segurança da unidade essencial da Igreja levava a formular o
 problema da unidade dos cristãos em termos de cisma, herege, conversão dos
 hereges, regresso dos cismáticos, etc. e quando nós lemos hoje as pala-
 vras do Santo Padre, verificamos que são palavras que essa terminologia
 desapareceu nas expressões da Igreja Católica. Aliás lembram-se das inten-
 ções da Semana pela Unidade da Igreja justamente tinham esse vocabulário
 há uns anos atrás e que foram mandadas pela Santa Sé e em sentido muito mais
 amplo pede-se, reza-se hoje não no sentido só de regresso de hereges ou de
 cismáticos mas hoje reza-se pela santificação dos ortodoxos, dos protestan-
 tes, dos católicos, no sentido de que a santificação verdadeira há-de con-
 duzir necessariamente à unidade. Quer dizer, a Igreja Católica no início,
 pelo menos exteriormente, e aqui joga sempre o factor duma prudência exte-
 rior da Santa Sé, quando muitas vezes a Santa Sé está ao mesmo tempo a ori-
 entar e a estimular outras iniciativas, mas não o faz oficialmente. Quer
 dizer, a Igreja permanecia nas suas posições. É difícil traçar a evolução
 do pensamento católico a este respeito nos últimos anos, de tal modo ele
 se encontra na encruzilhada de correntes e influências completamente diver-
 sas. Na verdade, toda a renovação bíblica levando à descoberta da própria
 noção de Igreja como povo de Deus em marcha para a Parusia, o movimento
 liturgico tornando a acção sagrada na pureza dos seus valores e realidades
 essenciais o centro da vida cristã, o desenvolvimento do apostolado leigo
 trazendo consigo situações de confronto em que uma atitude verdadeiramen-
 te evangélica se impunha, esses são alguns dos factores ^{que} realmente contri-
 buíram de forma decisiva para a evolução do pensamento católico sobre a
 unidade. É claro, decisiva foi também com certeza a tomada de consciência
 a que as circunstâncias concretas do mundo obrigaram a Igreja Católica.
 Claro que entre essas situações concretas evidentemente nós podíamos citar
 o facto já muito debatido da de dois continentes, do Conti-



nente Asiático e do Continente Africano, podíamos citar o fenómeno comunista no mundo e o seu avanço progressivo, se não no coração dos homens ao menos nas suas instituições, com um terço de humanidade sob o regime comunista, podíamos citar a civilização técnica que está cada vez mais envolvendo os homens ainda que os homens disso se não apercebiam, podíamos citar o facto doloroso na vida da Igreja e que põe um grande ponto de interrogação na missão da Igreja, da separação, não sabemos sequer o que aconteceu da Igreja da China, uma Igreja florescente, uma igreja com clero, com Hierarquia autóctone, com leigos comprometidos na acção, com universidades católicas, a Universidade Aurora que era uma Universidade das de maior prestígio do mundo e, que sabemos nós? Tive ocasião de falar recentemente com uma rapariga chinesa que estava há 10 anos na Europa, que tem a família toda na China comunista, que teve possibilidade de ir a Pequim e encontrar a família. E realmente ela própria, após um mês em que esteve em Pequim, não sabe explicar nem exprimir o que se passa. Congersou com alguns sacerdotes católicos e ela não sabe dizer se são cismáticos ou se não são. É um problema tremendo. Aliás a própria Santa Sé... há realmente um silêncio muito grande sobre a China. A única coisa que podemos fazer é rezar. Mas estes são alguns dos aspectos que revelam complexidade do mundo contemporâneo. E perante a complexidade de todas estas situações a Igreja foi levada a reconsiderar as condições da missão. E é praticamente impedida ao encontro com as Igrejas protestantes. Esse encontro realizou-se de início, isto é, logo após a segunda guerra mundial realizou-se na periferia, quer dizer, sem envolver a responsabilidade da hierarquia, das autoridades da igreja. E por ex. a P. Romana através, sobretudo do sector dos diplomados, teve vários encontros com os protestantes, encontros em que se discutiam problemas de meio universitário, problemas da profissão, problemas da ciência no mundo actual, em que se procurava justamente um ponto de encontro em situações práticas. A Santa Sé permitiu e estimulou, não só encontros desse tipo como conversações sobre temas bíblicos pelos exegetas mais seguros da Igreja Católica com os exegetas das Igrejas Protestantes. Isto teve sobretudo lugar na Alemanha e na Holanda. Reuniões de teólogos, teólogos que se preocupavam em encontrar mais aquilo que une do que aquilo que separa. A pouco e pouco, a partir da 2ª. Guerra até agora, foram-se desenvolvendo centros de estudos alimentando a investigação, publicando revistas, provocando o encontro humano entre as diferentes confissões, inclusivamente fundaram-se comunidades de oração pela unidade dos cristãos, como a Abadia Beneditina de Chertone na Bélgica, que nasceu como resposta a um apelo de Pio XII pelo movimento da unidade dos cristãos. Em 1949 a Santa Sé, através da instrução do Santo Ofício Eclesiástico Católica



Fundação Cuidar o Futuro

mostrou um interesse afecto pelo movimento ecuménico. Foi a grande reviravolta oficial da Igreja Católica, e a partir desse momento na Igreja com um tal vitalidade e desenvolve-se a um tal ritmo o movimento pela unidade dos cristãos, que temos que concluir que ele estava latente e realmente tinha sido construído já pela oração e pelos sacrifícios de muitos católicos. Quer dizer, da periferia o encontro deslocou-se para o centro, encontro esse que é antes de mais um encontro humano, de irmãos que se sabem e reconhecem irmãos, embora separados. E as visitas dos grandes chefes das confissões cristãs ao Papa João XXIII, possivelmente no nosso mundo latino em que o programa das divisões não se põe de forma tão aguda, são exemplos terrivelmente importantes desse reconhecimento. Mas ao mesmo tempo é um encontro cimentado numa certeza, a certeza de que a Igreja Católica é como o Santo Padre assinalou na constituição apostólica humana latina em 25 de Dezembro de 1961, a Igreja Católica está preocupada e sente que Cristo lhe confiou a salvação de todos os que foram validamente baptizados e que são assim, por via do baptismo, filhos da Igreja também. Alguns factos são particularmente significativos deste desejo de encontro. Assim a Igreja Católica passou por ex. a enviar observadores dos mais qualificados em questões ecuménicas às assembleias do Conselho Ecuménico. A Igreja Católica criou o Secretariado para a União dos cristãos, o único secretariado no contexto do Concílio que permanecerá após o Concílio; e finalmente o Santo Padre convocou um Concílio Ecuménico, que se não é o Concílio da União é iniciado e preparado um verdadeiro espírito ecuménico visando, como é costume dizer-se pela forma já consagrada, visando a renovação interna da Igreja em ordem à unidade. Isto que acabo de dizer, merece duas observações, uma de carácter doutrinário e outra de ordem prática. Aparentemente este movimento para a unidade dos cristãos e a sua relação com a missão, parecem, por aquilo que acabo de dizer, parece processar-se de forma semelhante na Igreja Católica e no mundo protestante. Ora não é bem assim, porque há, de facto uma dix divergência em alguns pontos fundamentais e parece-me de meu dever salientar isso aqui. Na verdade para o mundo protestante a unidade aparece no termo da missão, quer dizer requerida pelo dinamismo missionário da Igreja. A unidade da Igreja aparece assim, para os cristãos protestantes uma ordem, passe o termo, fenomenológico, quer dizer, a unidade não existe, faz-se e esta posição é possível porque aos seus olhos a Igreja não é anterior ao pacto cristão das diversas comunhões. Para os protestantes, é esta a divergência fundamental entre o protestantismo contemporâneo e a Igreja Católica, a Igreja encontra-se presente em todos os grupos independentemente do conteúdo da sua Fé e da natureza, sacramental ou não, da sua estrutura orgânica. Ora, esta posição de



Fundação Cuidar o Futuro

base ao ser examinada depois no concreto das situações conduz à afirmação entre outras, da existência de pecado na Igreja. Ora estas são posições intimamente relacionadas, que evidentemente a Igreja Católica não aceita nem pode aceitar. Na verdade, para nós, católicos, a Igreja sem dúvida que é também em evolução, como se costuma dizer é um devir mas não é só um devir, ela é dada, e na conferência excelente que o Padre Conger fez o ano passado em Paris nos Journés de études des Informations Catholiques Internationales, conferência aliás que está publicada num disco muitíssimo bom, o Padre Conger desenvolvia uma expressão que eu creio que é de S. Bernardo em que se classifica a Igreja como uma associação ou uma comunhão, segundo a expressão de S. Bernardo, ante retro oculata, quer dizer, olhando para trás e para a frente. E o Padre Conger com a fluência de teologia e expressão que o caracteriza, desenvolvia esta ideia dizendo que há realmente na Igreja esta dupla dimensão: a Igreja é a um tempo uma Igreja perfeita nada há a dizer àquilo que pertence à Igreja, ela está ~~xxx~~ acabada uma vez por todas, mas é ao mesmo tempo uma Igreja em estado de procura e de desenvolvimento. É ao mesmo tempo uma Igreja ~~mixxixixix~~ plena, e é uma promessa. É ao mesmo tempo um ser e é ao mesmo tempo um devir, um tornar-se. E se a Igreja é uma santa, católica, apostólica, é uma vez por todas, é-o na sua essência, mas está constantemente em processo de o ser cada vez mais. E esta dupla realidade da Igreja é essencial no nosso entendimento actual da vida da Igreja e de forma particular do movimento para a unidade dos cristãos. A outra observação que queria fazer é uma observação de ordem prática. Falei da importância desse facto que teve lugar recentemente no mundo protestante da fusão do Conselho Internacional das Missões e do Conselho Ecuménico das Igrejas e acentuei o aspecto positivo de tal acontecimento. Mas evidentemente queria acentuar aqui a dificuldade, ou como se diz em Inglês e a tradução portuguesa é difícil talvez em que isso põe a Igreja Católica. E que é certo que esse Conselho Ecuménico das Igrejas tem manifestado sempre em relação à Igreja Católica o maior respeito. É certo que os seus objectivos se mantêm sempre dentro dum domínio religioso e espiritual e que certo proselitismo furioso anti-romano que nós sabemos existir da parte de certas seitas protestantes, não é de modo nenhum da personalidade deste Conselho Ecuménico das Igrejas. Essas seitas, acho que têm interesse tocar aqui o problema, são as que existem no nosso Ultramar, particularmente em Angola, seitas norte-americanas que constituem 1/3 do protestantismo nos Estados Unidos, são elas, estão, elas próprias em oposição ao movimento ecuménico dentro das Igrejas protestantes e não fazem parte do Conselho Ecuménico das Igrejas. Parece-me por isso, sobretudo no nosso país, que a justiça e a caridade que nós, cristãos, nos devemos uns aos outros, exige



Fundação Cuidar o Futuro

que ao condenarmos certas atitudes, sem dúvida extremas e exageradas do ponto de vista religioso e político que algumas seitas tomam no nosso Ultramar, não podemos com isso condenar o mundo protestante. E parece-me que nos cabe a nós, sobretudo a nós diplomados, um papel muito importante de esclarecimento da opinião pública a esse respeito. Mas se assim é nem por isso deixa de ser um facto que existe dentro do mundo protestante presente neste Conselho Ecuménico das Igrejas, existe em certas Igrejas um certo complexo anti-romano, para dizer a palavra mais doce não a palavra complexo, complexo esse que se torna particularmente virulento no exercício prático da missão. Ora o perigo existe nas condições actuais desse Conselho, quer dizer, envolvendo todas as Igrejas do mundo protestante, portanto com maior coordenação e planificação do esforço missionário, existe de facto o perigo que essa tendência se acentue e que um dia a Igreja Católica encontre em zelosa acção missionária 400.000.000 de cristãos anti-romanos. Quer dizer, a revolução do movimento ecuménico no mundo protestante vai conduzir a um fortalecimento da acção missionária protestante e nessa altura algumas perguntas de base se farão pôem aos católicos. Como será possível a coexistência com a acção missionária da Igreja Católica, por ex. num Continente como a América Latina que é tradição católica, mas só de tradição católica, e este é o grande drama da Igreja no nosso tempo. Será possível, psicologicamente, especialmente o esforço de compreensão mútua que o espírito ecuménico requer? Será possível o equilíbrio espiritual entre uma posição doutrinária que é inegável e o respeito prático e actuante de uns pelos outros? Como ver a dificuldade? Não creio que alguém tenha a resposta. De facto só o Espírito Santo pode realmente fazê-lo e por isso se diz com tanta frequência na Igreja a expressão célebre do Abbé Contuner, grande pioneiro do movimento da unidade dos cristãos na Igreja Católica, que a unidade virá quando Deus quizer, e pelos meios que Deus quizer. Mas se assim é, se é obra de Espírito Santo, ao mesmo tempo da nossa parte algo é requerido e com uma certa urgência. A angústia da unidade que se tomou a preocupação dominante do Papa João XXIII e com ele de muitos católicos do mundo inteiro, não pode ser estranha a nenhum católico. A unidade tem de tornar-se uma intenção viva e vivida. E como? Vou tirar algumas conclusões de ordem prática muito rapidamente. A primeira parece-me ser esta: é que revelar a unidade dogmática da Igreja parece-me ser a tarefa ecuménica por excelência dos católicos. Quer dizer, mostrarmos que essa unidade dogmática que faz parte da definição da Igreja, Igreja una, não é apenas uma realidade dogmática, mas que está presente na nossa vida, manifestarmos ao mundo a natureza de comunhão própria da Igreja. Nós habitualmente reduzimos essa comunhão, essa unidade a uma comunhão de pensamen-



Fundação Cuidar o Futuro

tos e Fé. Julgamos que a Igreja é uma associação de pessoas que pensam da mesma maneira, ou que têm a mesma regra de moral ou que vão constituir a mesma sociedade segundo o mesmo conjunto de regras sociais. Ora a comunhão da igreja, que a unidade dogmática da Igreja supõe, é uma comunhão sem dúvida que exige a unidade de pensamento e de Fé, mas essa unidade de Fé não esgota a comunhão. Porque é na Eucaristia que a comunhão da Igreja tem a sua origem, é na reciprocidade dos serviços e como expressão de caridade que tanto anima os carismas como as funções hierárquicas que essa comunhão se revela e é no poder mediador dos Bispos que essa comunhão se estrutura. Portanto, comunhão de Fé com a sua origem na Eucaristia, revelada na reciprocidade dos serviços ou na caridade, estruturada no poder mediador dos Bispos unidos a Pedro e a todo o colégio apostólico. Ora este desdobrar da unidade dogmática da Igreja é preciso que seja revelado pela vida dos católicos em cada momento da sua vida. O próximo Concílio Ecuménico é já expressão desta comunhão, expressão de comunhão do conjunto da Igreja Católica para o mundo não católico, e portanto é já de si uma resposta da Igreja Católica ao diálogo que o movimento ecuménico suscita. A segunda exigência que se nos põe a nós católicos é a de uma abertura espiritual às necessidades reais das diferentes partes do mundo e as condições concretas em que elas se nos revelam, quer dizer a tomada de consciência duma Igreja em situação que quer dizer a uma linguagem articulada num contexto pagão, não pode deixar de conduzir a uma preocupação mais viva pelo mundo em todas as suas expressões, quer dizer a uma actualização renovada da missão da Igreja. Dondé o falar-se hoje tanto no nosso país, em missão, e fala-se imenso a propósito do Ultramar (eu gostaria que nos tornássemos imensamente claros distinguindo os motivos verdadeiramente religiosos de outros motivos sem dúvida legítimos mas é preciso distinguí-los, e por isso mesmo importa que ao abrirmo-nos, se nos quisermos abrir, pela urgência que temos como cidadãos dum país, e sentindo essa urgência) porque cidadãos dum país se nos queremos abrir aos problemas da missão, graças a Deus que nos abrimos, no Ultramar Português, tenhamos cuidado porque devemos abrir-nos aos problemas da missão da Igreja no sentido muito mais amplo. Só então a missão particular a que eventualmente nos vamos dedicando ou pela qual eventualmente nos interessamos pode ganhar o seu sentido todo e toda a sua profundidade. Esta tomada de consciência ousava dar à missão uma base verdadeiramente mundial, quer dizer em que cada Igreja local se sentirá responsável pela Igreja universal e reciprocamente a Igreja universal se sentirá responsável por cada Igreja local. Porque a Igreja é uma comunhão, uma comunhão dinâmica, a missão não tem sentido, senão como expressão duma comunidade mundial, dando ao mundo uma soma de testemunhos individuais, mas o



Fundação Cuidar o Futuro

testemunho da unidade numa comunhão. É claro que esta afirmação é fértil de conclusões de ordem prática. Por ex. há hoje uma euforia, não só em Portugal mas em vários países, na Alemanha por ex. e na França, há uma euforia de actividade missionária e vai um jovem ou uma jovem a correr durante um tempo para um país de missão, e é neste momento por ex. tive ocasião de verificar isto na Alemanha a preocupação enorme dos Bispos da Alemanha, justamente alertados pelos Bispos dos países de missão dizendo: não. O testemunho missionário, da Igreja Católica não é testemunho de indivíduos isolados, é testemunho numa comunhão, numa comunidade. Devemos ao menos garantir a cada indivíduo isolado que parte para um país de missão a inserção na comunidade sem a qual toda a tentativa missionária desse indivíduo e que estiver por detrás dele se destina ao fracasso. Infelizmente há casos e casos que poderia contar imensos, alguns de que tenho conhecimento através por ex. da Pax Romana, sobretudo de alguns diplomados ingleses e alemães, que acabaram realmente em fracasso. Portanto, uma dimensão mundial na missão. Outra conclusão dessa dimensão mundial, conclusão de ordem prática, é a organização hierárquica da missão. Reparem que falei na constituição, já há alguns anos, de um órgão protestante para a evangelização da Ásia e que estão em curso as demarches necessárias para a constituição de órgãos semelhantes para a África e América Latina. Ora na Igreja Católica não existe nenhum órgão deste tipo, que é a conferência episcopal Latino-Americana. Os Bispos da América Latina constituem um órgão com poder deliberativo para toda a América-Latina, órgão esse que foi convocado pela própria Santa Sé e um artigo recente do grande sociólogo belga Abbé Lutard que é responsável pelo centro de sociologia religiosa de Bruxelas, um artigo recente na Revista Eglise Vivante, justamente ele preconizava, aliás sabe-se que é uma das coisas que está a ser estudada como preparação de Concílio, a necessidade de que órgãos semelhantes fossem criados ao menos nas regiões que têm problemas agudos que a hierarquia dessas regiões têm de enfrentar. Mas infelizmente nós sabemos que em muitos países nem sequer a Conferência Nacional dos Bispos funciona como tal, e portanto há ainda um caminho muito longo a andar dentro da Igreja Católica. Há na Europa uma primeira tentativa deste tipo, os Bispos do Norte da França e do Sul da Bélgica que têm de enfrentar o problema da zona do carvão, e portanto o problema de evangelização do mundo operário, já tiveram várias conferências em ordem à pastoral dessa região. É uma primeira esperança na Europa. Outra exigência de ordem prática, que creio se deduz de tudo o que acabo de dizer, é a abertura dos católicos à acção do Conselho Ecuménico das Igrejas do Mundo Protestante. Portanto, numa certa necessidade de informação, informação não só para meia dúzia de especialistas, mas para to-



dos nós católicos. Uma revista por ex. como as Informations Catholiques Internationales (em certos aspectos não é muito fiel, como sabemos. Em tudo o que ~~xxxxx~~ se refere a Portugal as Informations são sempre bastante tendenciosas, mas devo dizer que, no que respeita ao mundo protestante, as informações são sempre controladas por alguém, realmente por um sacerdote que é especialista no movimento ecuménico e realmente são notícias verdadeiras e autênticas e não tendenciosas. Outra exigência é que tal abertura não pode realizar-se em verdade sem um conhecimento cada vez mais aprofundado do mistério da Igreja. Esse aprofundamento há-de realizar-se no regresso às pontas. Evidentemente aqui põe-se toda a necessidade do estudo da Liturgia, etc. da Bíblia, etc.

E finalmente a unidade dos cristãos põe à Missão católica e põe à Igreja em estado de missão, que afinal somos todos nós, a exigência da manifestação da Igreja na ordem própria da verdade evangélica, e por isso, há aí um slogan frequente já, que o próximo concílio será a Igreja a rever-se no Evangelho. A realidade em causa, é a obra a realizar, pertence ao domínio dos valores eminentemente espirituais, dos mais puros valores espirituais. Por isso o problema, de institucional, passa a ser um problema de vida de cada um de nós. E como? E agora cita o Cardeal Bea naquela conferência de que falei há pouco, como? 1º. Numa atitude contemplativa, rezando e citando um texto do mundo protestante, que o Cardeal citou "fazendo apelo ao coração e à consciência de todas as Igrejas para que compreendam a importância da oração constante pelos irmãos separados de todas as regiões do mundo. 2º.- Numa atitude de sacrifício, de oferta cotidiana dos nossos sofrimentos, penas e contrariedades pela grande intenção da unidade.

3º.- Numa atitude de caridade, preferindo, como diz o Santo Padre, acentuar aquilo que une os homens e ~~aper~~ percorrer com cada um a parte do caminho que pode ser feita em conjunto. Sem comprometer as exigências da justiça nem os direitos da verdade. Nesta atitude de espírito requerida pelo momento histórico da vida da Igreja, encontramos ao mesmo tempo a unificação interior por que aspiramos e seremos capazes de levar ao mundo a mensagem de unidade por que ele aspira. Estaremos então em condições de poder falar da unidade de amor que Cristo veio estabelecer entre o Pai e os homens e seremos, ainda que imperfeitamente, testemunhos dessa unidade.

E então o regresso ao ponto de que partiu no início, por ~~xxx~~ um mistério de amor terão caído todos os muros de Berlim dentro e fora de nós, e em seu lugar há-de erguer-se a cidade construída em ouro fino e em cristal puro rodeada por uma muralha construída em jaspe. Então, e continuo a citar o Apocalipse, a cidade não precisará mais do Sol e da Lua porque ela será iluminada pela glória de Deus, e do seu seio, o Cordeiro descenderá a chama viva para onde se encaminham todas as nações, todos os homens levam-



do os seus tescuros, a conversão do seu coração na comunhão da unidade.
Que assim seja!
Não sei se querem dizer alguma coisa. - Desculpe ter sido tão longa.

Fundação Cuidar o Futuro

